

São Paulo, JUNHO de 2005.

Olá,

Recentemente participei de um curso intitulado "*Pânico, linguagem e desamparo*", ministrado pelo psicanalista, psiquiatra e professor Mário Eduardo Costa Pereira.

Sabendo que esse assunto desperta interesse em alguns amigos, resolvi elaborar uma espécie de "*resumo light*" das principais idéias apresentadas durante o curso para compartilhar com eles, ou pelo menos, qual foi a minha compreensão do que foi discutido. Porém, tentando apresentar de uma forma "leiga", evitando os jargões técnicos normalmente utilizados. Talvez com isto, eu corra o risco de apresentar estas idéias de forma superficial, truncadas e de forma não conclusiva.

Mas o que seria da nossa vida, afinal, se não assumíssemos alguns riscos ?

Talvez a leitura deste material desperte mais questões do que esclarecimentos, propriamente ditos, sobre o tema... e falo aqui intencionalmente de questões subjetivas. Mas lembre-se que psicanálise é o estudo do inconsciente. E não existe nada mais absolutamente subjetivo do que o inconsciente !

Bom, já que vou compartilhar esse resumo com estes amigos interessados no tema, por que não compartilhar com todos os interessados ?

Esse resumo light é baseado nas anotações que fiz durante o curso, e tentando seguir a linha de raciocínio deste psicanalista. Obviamente que com alguns pequenos adendos que me permiti fazer.

Boa leitura !

Atenciosamente,

Débora Andrade  
Psicanalista

Caso não se interesse em continuar recebendo o Projeto Instigar, avise por e-mail ou fone  
[www.projetoinstigar.com.br](http://www.projetoinstigar.com.br) – [contato@projetoinstigar.com.br](mailto:contato@projetoinstigar.com.br) – 11-5506-6916

---

Quer participar do Projeto Instigar de alguma outra forma?

Contribua como quiser ! Manifeste-se ! Entre em contato e compartilhe sua idéia !  
envie email para [contato@projetoinstigar.com.br](mailto:contato@projetoinstigar.com.br)

---

Quer instigar um amigo ?

Envie os dados ( nome completo, e-mail e endereço de correspondência ) e ele receberá a próxima edição do Projeto Instigar. E se quiser instigá-lo especificamente com uma das edições anteriores, avise com qual.

---

Quer sugerir um tema para ser abordado em um dos artigos ?

Envie email para [contato@projetoinstigar.com.br](mailto:contato@projetoinstigar.com.br) comentando sobre que assunto gostaria de ver em artigo.

---

## BIBLIOGRAFIA

---

Freud, Sigmund – "*Psicologia das massas e a dinâmica do eu*", Obras Completas – Vol. XVIII – Editora Imago.

Freud, Sigmund – "*O futuro de uma ilusão*", Obras Completas – Vol. XXI – Editora Imago.

Freud, Sigmund – "*Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia*", Obras Completas – Vol. III – Editora Imago.

Freud, Sigmund – "*Um distúrbio de memória na Acrópole*", Obras Completas – Vol. XXII – Editora Imago.

Pereira, Mário Eduardo Costa – "*Pânico e Desamparo*" – Editora Escuta.

Pereira, Mário Eduardo Costa – "*Psicopatologia, Síndrome do Pânico*" – Editora Escuta.

Pereira, Mário Eduardo Costa – "*Pânico – Casos Clínicos*" – Editora Casa do Psicólogo.

Mourano, Denise – "*Para que serve a psicanálise*" – Jorge Zahar Editor

Pânico [Do gr. *Panikón* (subentende-se *Deïma*, ‘terror’, terror que vem de *Pã*), pelo lat. *Panicu*.] Adj. 1. Relativo ao deus *Pã*. 2. Que assusta sem motivo. 3. Que suscita medo por vezes infundado e foge a um controle racional. 4. Medos que os antigos diziam ser causado pelo deus *Pã*. 5. Susto ou pavor repentino, às vezes sem fundamento, que provoca uma reação desordenada, individual ou coletiva, de propagação rápida.  
*Dicionário Aurélio*

Para os desmemoriados, assim como eu, *Deïma* é uma das luas de Marte (*Deïma* e *Fobus*), e é relativa ao deus grego *Pã*.

Na mitologia grega, *Pã* é o filho de *Penélope* com “todos” os seus amantes. Sim, é a *Penélope* de *Ulisses* – *Odisséia*. E sim, eu disse filho de “todos” os amantes de sua mãe. Ou seja, este deus grego não tem um pai, mas todos os pais enquanto amantes de sua mãe. Ele é filho da totalidade.

Vivia nos campos, como pastor. Da cintura para cima é homem, da cintura para baixo é animal. Sempre nu. É um deus fálico, cuja característica mais marcante é ter uma ereção permanente. E exatamente por isso, vivia atrás das ninfas para amá-las. E quando não encontrava ninfas, desfrutava com alguma ovelha do seu rebanho.

Não parece curioso, e até contraditório, que o conceito de pânico, tal qual conhecemos hoje, derive de um deus “tão cheio de vida”?

Acontece que este deus igualmente gostava de longos cochilos na relva, sob as árvores, enquanto seu rebanho pastava. E ficava terrivelmente furioso quando alguém perturbava a tranquilidade do seu sono. E para os infelizes que fizessem isso, mesmo que fosse uma simples carroça passando casualmente por uma estrada das redondezas, fazia questão de pregar uma peça. Dar um susto. E este susto era simplesmente chegar, de repente, na frente do “barulhento” que lhe acordara. E chagava assim: em pêlo; nu; com sua eterna ereção provocantemente exposta.

E isso era, e é, terrivelmente assustador... e gerava, invariavelmente, reações desordenadas, caóticas...

---

<sup>1</sup> Participei do curso intitulado “*Pânico, linguagem e desamparo*”, ministrado pelo psicanalista, psiquiatra e professor Mário Eduardo Costa Pereira. Esse texto é baseado nas anotações que fiz durante o curso, e tenta seguir a linha de raciocínio deste psicanalista. Obviamente que com alguns pequenos adendos que me permiti fazer, expressando a minha compreensão do que foi discutido.

Para citar alguns filósofos, Aristóteles, quando estudando o assunto totalidade, classificou-a como hólica e pânica. Pânica enquanto totalidade desordenada.

Platão, em Crácito (debate a respeito da natureza da linguagem), diz que Pã ou é a própria linguagem ou é irmão dela. É um deus ao mesmo tempo verdadeiro e falso.

E cabe aqui comentar que a psicanálise está calcada sobre a linguagem. Utiliza-se como ferramenta o poder – da articulação – da palavra. No instante que se consegue perceber o sentido que se estava dando para uma dada realidade inconsciente, há como usar a articulação da palavra, para dar uma nova representação para este mal estar vivenciado. Criar um novo sentido. Um novo significado. Através da palavra, alterar a cadeia associativa criada originalmente. E com isso, passar a sofrer menos.

Começando a encaminhar o assunto para a psicanálise, cita-se pânico como a dissolução dos laços que mantinham uma determinada situação ordenada no inconsciente.

Algo se rompe. Algo se quebra.

Quando trata-se deste assunto, a dinâmica envolvida é exatamente a mesma seja para um indivíduo, seja para um grupo de indivíduos, ou uma massa.

No seu texto intitulado *"Psicologia das massas e a dinâmica do eu"*, Freud examina as situações de amor entre os membros de um grupo. Nele, estuda duas massas "artificialmente" criadas: o exército e a igreja. Defendendo que o que mantém os indivíduos unidos uns aos outros, é o amor a um líder ou a um ideal. Expandindo posteriormente o mesmo conceito para toda e qualquer massa.

Este texto, toscamente aqui resumido, discorre que o pânico se dá quando a massa tem uma grande expectativa em relação a um líder, e se dá conta que este líder não está nem aí para ela.

Se dá justamente quando rompe-se o laço com o líder ou com o ideal. Quando há uma quebra de expectativa. Quando esse líder/ideal deixa a massa desamparada.

Ou seja, é um momento de profunda desilusão.

Neste momento, evidencia-se o vazio.

Evidencia-se o desamparo.

Por que nem todos da massa, neste momento, padecem de pânico? Porque sofre disso apenas aqueles que têm uma enorme expectativa. *Aqueles que "olham para o céu em busca de um líder, e lá então, encontrando apenas o vazio, angustiam-se profundamente com isso".*

Mudando o enfoque de massa, para indivíduo, pode-se dizer que: "*Em função da quebra de uma forte expectativa minha em relação a algo ou a alguém, é que eu fico desamparado.*" Ou mesmo, "*em função do simples medo de uma quebra*".

Em psicanálise cita-se o pânico como um mergulho súbito em uma desilusão intolerável.

*Gerando uma radical falta de garantias com tudo que simbolizava o sujeito no mundo até então.*

E, lembrem-se novamente, que este mergulho súbito se dá na esfera do inconsciente. Enquanto no consciente observamos apenas os reflexos, ou os sintomas gerados em função disto. E por isso mesmo, não compreendemos facilmente tais manifestações.

Em verdade, é interessante citar que a nomenclatura utilizada para isso é ataques de angústia<sup>2</sup>. Mas me abstenho aqui de entrar em detalhes sobre as diferenças de nomenclatura usadas na psicanálise e na psiquiatria – assunto que foi discutido no curso. Talvez o que sim valha a pena fazer, é comentar brevemente sobre as diferenças na abordagem de "tratamento". Tema que sei gerar dúvidas recorrentes. Aos curiosos sobre este assunto, recomendo a leitura do livro "*Para que serve a psicanálise*", citado na bibliografia. É um livro de poucas páginas, de fácil e rápida leitura.

Voltando ao assunto principal, as raízes no Latin são *anxio* (ansiedade) e *angor* (angústia). Na clínica psicanalítica francesa considera-se *angústia* as manifestações "corporais", e *ansiedade* a dimensão "psíquica".

Esta angústia apresenta-se como um perturbador estreitamento da própria essência de vida (sensação de apertamento, de sufocamento, ...). É como se a concretude do mundo se desfizesse subitamente... Apresenta-se uma ansiedade muito intensa. Necessidade de garantias. Necessidade de amparo concreto muito forte (dar a mão, receber colo). É característica comum, durante um ataque de angústia, haver uma regressão muito forte (de certa forma, o sujeito parece que voltar a ser uma criança; parece ser um bebê necessitando de amparo). O tema da morte do pai<sup>3</sup> (ou medo da morte do pai) é recorrente neste tipo de caso.

Freud ilustra isto citando<sup>4</sup> uma situação de pânico, ou ataque de angústia, vivenciada por ele mesmo quando em visita à Acrópole, em Atenas. Nela, se dá conta inconscientemente que está realizando um sonho sempre desejado pelo pai, já há muitos anos morto. No caso dele, o ataque de angústia se dá porque se depara com o fato incontestável de ter conquistado mais do que o seu pai conseguiu em vida – como se fosse proibido ultrapassar o pai. De certa forma, ele superou o seu líder, o que para ele era inconscientemente intolerável.

---

<sup>2</sup> Angústia: Filosofia - Segundo Heidegger, é a disposição afetiva pela qual se revela ao homem o nada absoluto sobre o qual se configura a existência.

<sup>3</sup> Seria o pai visto como líder? Como ideal a ser seguido?

<sup>4</sup> Cita isto em uma carta endereçada a seu amigo Romain Rolland por ocasião de seu septuagésimo aniversário.

A angústia manifesta-se, muitas vezes, por antecipação. Uma vez sofrido o primeiro ataque de angústia, o sujeito passa a temer voltar a sofrer esta situação de total e indefeso desamparo. E passa então a sofrer angústia por antecipação.

O que, em você, gera esta angústia?

Seria a angústia da própria liberdade?

A angústia e o desejo inconsciente são vistos como duas faces de uma mesma moeda. O ponto de emergência de maior angústia do sujeito, é exatamente onde está embutido o seu maior desejo inconsciente. E angústia não mente!

O sujeito que se vê as vias do pânico é o sujeito que se vê as vias de seu próprio desejo inconsciente.

Ora, se o pânico evidencia o desamparo. Como lidar com isso?

É fato incontestável que a criança nasce sob o signo do desamparo. Necessita cuidados, e que não pode sobreviver sem se tornar importante para alguém. E, extrapolando, esta condição de eterno desamparo é a marca do ser humano. Por isso tem a necessidade de fazer laços, de estar no campo do desejo do outro. Começando pelo desejo de ser o objeto de desejo da própria mãe.

Então, se o desamparo é eterno, o que pode mudar são apenas as formas de se lidar com ele.

Freud posiciona que a "cura" psicanalítica é justamente a desilusão.

Ao ajudar o sujeito a conviver com o eterno desamparo, a psicanálise apresenta-se como uma possibilidade de trabalhar as respostas sintomáticas de forma diferente e menos sofrida, através da articulação da palavra. O trabalho de tratamento, nestes casos de ataque de angústia, é reconstruir simbolicamente que o mundo realmente é assustador. Elaborar isso. Simbolizar isso na subjetividade de cada um. Através da articulação da palavra.

A busca, num processo analítico, não deve ser a de compreender "quem" é o sujeito, mas sim "como" o sujeito lida com os seus desejos e com essas respostas sintomáticas do inconsciente.

Esta talvez seja uma das chaves: "cultivar o inconsciente". O sujeito conseguir deparar-se conscientemente e conviver bem com o seu próprio desamparo, com o seu próprio vazio, e saber navegar isso através da palavra.

E, se no pânico a descoberta deste eterno desamparo se dá tardiamente, na melancolia se dá de forma precoce. Mas isso é assunto para outro dia ;-)